

# SUGESTÕES DE ATIVIDADES



## Histórias mal-assombradas de um espírito da floresta

Adriano Messias

Ilustrações Andrea Corbani

ISBN: 978-85-88159-50-1

13,5 x 18 cm | 120 páginas

**CARO(A)  
PROFESSOR(A),**

As atividades presentes neste roteiro de leitura são apenas sugestões e não devem limitar a potencialidade de trabalho e nem a criatividade do(a) professor(a) em sala de aula. Você poderá adaptá-las à realidade de sua escola e de sua turma, bem como à faixa etária de seus(suas) alunos(as), podendo criar outras atividades que julgue mais adequadas. Lembre-se que as atividades devem priorizar aspectos lúdicos e reflexivos, despertando nos alunos, assim, o desejo de mais e mais descobertas a partir dos livros.

## CONHEÇA A HISTÓRIA ::

No terceiro livro da série temática “Contos Para Não Dormir”, o garoto André vai ouvir lendas conhecidas e assombrações menos conhecidas de um **índio canoeiro** de uma extinta tribo do Pará. Neste livro, figuras amenizadas pela vertente portuguesa em nosso país serão mostradas próximas à sua forma original, como a doce Iara, que será retratada na figura de Ipupiara, raivosa e horrenda, que arrasta os navegantes para as profundezas do rio-mar.

Por trás de tantas lendas de origem indígena adaptadas pela narrativa cabocla ou europeia, o livro discute a difícil relação entre pai e filho e as crises de identidade da adolescência.



## CONHEÇA O AUTOR ::

Adriano Messias tem vários livros publicados pela Editora Biruta e por outras editoras, também trabalha como tradutor e tem muita satisfação em conversar com professores e alunos. Seu e-mail é: [adrianoescritor@yahoo.com.br](mailto:adrianoescritor@yahoo.com.br).

## CONHEÇA TODA A SÉRIE ::

1. Histórias mal-assombradas em volta do fogão de lenha
2. Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão
3. **Histórias mal-assombradas de um espírito da floresta**
4. Histórias mal-assombradas do Caminho Velho de São Paulo
5. Histórias mal-assombradas de Portugal e Espanha

Os livros não precisam ser lidos na ordem de publicação.

Cada volume conserva o personagem principal, mas uma narrativa é independente das anteriores.



## COMO TRABALHAR COM O LIVRO ::

Dentre alguns núcleos temáticos, destacamos:

- O **imaginário indígena** modificado pelos europeus. O leitor encontrará muitas referências a lendas que foram alteradas pela visão cristã dos jesuítas do século XVI e passaram para o imaginário colonial, chegando até nossos dias de forma esparsa.
- As **questões ambientais** vinculadas às lendas, como o caso dos botos, que são dizimados na Amazônia porque muita gente acredita que determinadas partes de seu corpo funcionam como amuletos. Existe ainda um questionamento no livro sobre uma represa que será criada em parte do Rio Grande.
- As **crises de identidade** da adolescência, fazendo com que o aluno questione a autoridade adulta, ao mesmo tempo em que não sabe direito quem ele é e do que é capaz de fazer. Estes momentos delicados são mostrados, no livro, como situações que em geral são passageiras, mesmo desconfortáveis, e que fazem parte da vida de todas as pessoas. Servem até mesmo como uma espécie de “rito de passagem” – um elemento interessante que o professor pode estudar com sua turma.
- A abordagem das **inseguranças, medos e dificuldades** próprias do crescer, do tornar-se adolescente e, posteriormente, adulto, também é uma temática recorrente no livro. As “assombrações” podem também ser enten-

didatas, simbolicamente, como representações das lutas humanas em busca do autoconhecimento.



## NARRATIVA ::

A narrativa do texto possui uma linguagem dinâmica, atual, mesclando alguns elementos regionais, que são sempre explicados.

Na forma de notas de rodapé ou inserido no próprio discurso do personagem, o autor ora explica, ora instiga o aluno a pesquisar e a descobrir por si mesmo alguma coisa que talvez não saiba. Há brincadeiras em notas de rodapé do tipo: “vá até o dicionário”, “você já sabe: dicionário”. O objetivo é mostrar ao leitor que ele não tem de saber tudo quando lê e, sempre que quiser, pode ter a autonomia de fazer suas próprias explorações linguísticas.

O **narrador** (sempre em primeira pessoa e no tempo presente), na verdade, não sabe muito, ou melhor, acaba sabendo tanto quanto o próprio leitor, tornando-o cúmplice das peripécias de André.

O personagem André está o tempo todo mantendo diálogo com os que estão ao redor, mas, de uma hora para outra, pode se dirigir ao leitor de forma tão direta que não há como não se assustar. Algumas dessas intromissões do narrador podem ser aproveitadas em alguma atividade. Um exemplo: “Se eu tivesse uma filmadora em casa, chamaria alguns colegas para criarmos um curta-metragem amador: O Monstro do Caminho do Mar ataca Lisboa”. Ou ainda: “Acho que um dia vou escrever um livro do tipo... ‘Mil e um truques para se livrar de assombrações’... Gostou? E você? Escreva um livro também”.

## ENTRANDO NO LIVRO PELOS ELEMENTOS VISUAIS ::

Há coisas simples que você pode fazer com seus alunos e que serão fundamentais para futuros bons leitores. Que tal entrarem na leitura do livro pelos elementos visuais e materiais? Eles podem dizer muito sobre o livro, além de instigar a leitura.

- Capa e orelhas – Antes de os alunos começarem a ler *Histórias mal-assombradas de um espírito da floresta*, mostre o livro a eles e peça para que percebam como ele foi planejado. O que a capa sugere? Se não soubessem o título, que tipo de livro imaginariam ser aquele?
- Ilustrações – Ao folhearem o livro, os alunos descobrirão ilustrações. O que elas dizem de antemão sobre as assombrações ou as situações que estão por vir? Elas dão medo? O que nelas sugere um universo indígena?
- Xilogravura – Duas técnicas foram utilizadas para ilustrar o livro: a aquarela e a xilogravura (gravura sobre madeira). Esta última proporciona um diálogo com um universo popular brasileiro. Muito utilizada em literatura de cordel, a xilogravura abre a discussão sobre formas de se representar artisticamente. Que efeitos as xilogravuras do livro deram e que sensações transmitiriam?



## PRÓLOGO: CAMINHO PARA UM DIÁRIO

Cada volume da série tem um “Prólogo”. Como o texto é narrado em primeira pessoa, as declarações intimistas do personagem criam oportunidade para o professor traba-

lhar com sua classe a narrativa autobiográfica e, a partir disso, desenvolver vários projetos, como o da escrita de um diário.

- **Biografia breve do colega** – Uma boa atividade para dar início à proposta seria fazer com que os alunos se assentassem dois a dois e fizessem uma breve descrição biográfica sobre o colega que está à sua frente.
- **André e eu: semelhanças e diferenças** – Outra atividade é pedir aos alunos para lerem o “Prólogo” e depois buscarem semelhanças entre a vida de André e a vida deles, ou a vida de alguém que conheçam (no caso das meninas, caso elas não queiram se identificar com um personagem masculino). Eles podem fazer duas colunas em uma folha e marcarem o que têm em comum e o que têm de diferente. A partir disso, podem imaginar se conseguiriam ser bons amigos de André, por exemplo.
- **Criando um diário** – A partir da ideia geradora da autobiografia, pode-se propor aos alunos a criação de um diário, à semelhança do “Prólogo” do André. Cada diário teria uma capa criada pelo seu dono, em um caderno organizado especialmente para essa finalidade.



## VIAJANDO COM O TEXTO

Há diversas questões no texto do livro que podem ser utilizadas pelo professor para gerar diversas atividades em sua sala de aula.

- **Universo indígena** – A chegada dos jesuítas à colônia

trouxe uma interpretação diferente das lendas aqui existentes. Isso se verifica, por exemplo, na discussão sobre a Iara, antes e após a contribuição portuguesa.

- **Etnias** – Várias vezes o livro cita o nome de algumas etnias e sua localização em alguns estados. Pode ser bastante enriquecedor conhecer as etnias indígenas de seu estado e a contribuição que os índios dão à sua cultura regional. Discussões sobre reservas e demarcações indígenas, e os frequentes conflitos políticos relacionados a elas, são também propícias.
- **Arte indígena** – A cerâmica marajoara é conhecida mundialmente. Suas formas geométricas podem ser muito úteis para as aulas de Geometria e Arte. Além disso, uma visita a algum museu indígena pode trazer boas inspirações para a confecção de artefatos semelhantes aos dos índios.
- **Enriquecimento linguístico** – A Língua Portuguesa falada no Brasil tem 120 mil verbetes a mais do que a falada em Portugal, o que se deve às contribuições de idiomas africanos e indígenas. É possível fazer uma atividade: tentar escrever um texto com o maior número possível de palavras que vieram de idiomas indígenas para nossa língua.
- **Geografia da Amazônia** – São numerosas as citações geográficas, que vão de rios (Negro, Araguaia, Tocantins) à Ilha de Marajó, o que pode suscitar questões ligadas à composição da vasta região amazônica, que muita gente confunde com o estado. Pode-se criar um tour virtual pela Amazônia, dividindo a classe em grupos que se encarregarão de apresentar sub-regiões.
- **Intertextualidade** – Uma das formas de se trabalhar

a intertextualidade com seus alunos, independentemente da idade deles, é pedir que relacionem o livro lido com outros livros, filmes, músicas ou histórias ouvidas. O professor pode realizar estudos mais aprofundados sobre a lenda do Boto utilizando a conhecida música *Foi Boto, Sinhá* (composta por Waldemar Henrique e Antônio Tavernard, com vários intérpretes) como elemento gerador. Ou pode pegar o viés das questões identitárias de André, aproveitando-se da bela letra de *Pais e Filhos*, do grupo Legião Urbana. Também é possível realizar uma sessão de apreciação do filme brasileiro *Ele, o Boto*, dirigido por Walter Lima Jr, de 1987, ou ainda da produção americana *O ataque dos vermes malditos* (1990), em alusão à lenda do Minhocão. Em termos literários, pode-se trabalhar com poemas de Cobra Norato, de Raul Bopp, representante de nossa primeira fase modernista, geralmente compilados na obra *Putirum*. Há um belíssimo conto sobre o Boitatá no livro *Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto, intitulado *A mboitatá*, que nos dá outra visão sobre a lenda. Herberto Sales, na coletânea *O Lobisomem e outros contos folclóricos* também permite um diálogo com várias narrativas de *Histórias mal-assombradas de um espírito da floresta*. O livro de Adriano Messias ainda abre discussão sobre as “lendas urbanas”, como tópico secundário. Existe um bom material disponível a respeito, sobretudo de assombrações alienígenas, como o Chupa-cabra. O autor faz referência a cinco outros filmes: a quadrilogia *Alien* (totalmente relançada em 2003) e a *Independence Day* (1996), que entram em questões extraterrestres.

- **“Dicionário Tenebroso”** – Pode-se propor aos alunos que façam um dicionário com as assombrações men-



cionadas no livro. Esse dicionário pode ser um *blog* coletivo de sua classe na *internet*, por exemplo.